

A DESTRUIÇÃO DO OBJETO: O APAGAMENTO DO FEMININO

AUTORES

SANTOS, Ana Karina da Silva

Discente da União das Faculdades dos Grandes Lagos – UNILAGO

CALDEIRA, Matheus Colombari

Docente da União das Faculdades dos Grandes Lagos - UNILAGO

RESUMO

O presente artigo se dispõe a discorrer a feminilidade enquanto construção histórica, impactos sociais, e as formas em que constituiu-se. Investigar o percurso histórico da feminilidade sobre o viés psicanalítico e as contribuições teóricas sobre o objetivo proposto pela pesquisa, bem como conceituações teóricas sobre a objetificação e a violência. Se dispõe de uma pesquisa bibliográfica integrativa, nas bases de dados *SciELO*, *BVS E Lilacs*, nos anos 2016 a 2020, com os descritores “Psicanálise” e “Feminilidade”. As possibilidades de uma objetificação da mulher enquanto aquela em que a feminilidade lhe é atribuída enquanto posição subjetiva quando levamos em consideração as construções históricas de como as diferenças sexuais são vistas entre os indivíduos e as possíveis propostas de objetificação do outro na relação e até do sujeito na relação com si próprio, e as possibilidades e formas de violência empregadas em tais relações. Sendo possível compreender a objetificação de qualquer indivíduo que encarne o feminino, em suas diversificadas formas de violência.

PALAVRAS - CHAVE

Palavras-chave: psicanálise, feminilidade, objeto.

1. INTRODUÇÃO

Uma concepção que percorre a história e com dificuldade de ser modificada é sobre a natureza feminina, geralmente adotada a partir de uma compreensão biológica que origina os traços que compõem a feminilidade, fundamentada na ideia de que a natureza deve orientar os valores adquiridos entre o homem e a mulher em suas singularidades e caminhos sociais. Tais crenças em uma “natureza feminina”, são antigas convicções que foram durante muito tempo a principal forma de pensar as questões sobre a feminilidade, criando-se uma negação da experiência cultural como modeladoras do humano (NOVELINO, 1998). Enquanto que “as influências do meio, as ingerências da cultura, poderiam ser responsáveis pela boa finalização do percurso ou pela perversão dos caminhos traçados pela natureza” (ROHDEN, 2003, p. 211). Nos séculos XVIII e XIX, a cultura europeia promoveu em seus discursos um conjunto de atributos, funções, predicados e restrições ao que era denominado como feminilidade, também fundamentadas através da natureza da mulher, de sua anatomia que deveria ser domada pela sociedade e educação para que os propósitos de sua natureza fossem cumpridos (KEHL, 2008).

Em *Totem e Tabu*, Freud (1913) ao tentar explicar a origem da organização civilizatória, faz menção ao que eram submetidas as mulheres das primeiras comunidades selvagens, seu pertencimento ao pai tirano, que desposava de todas as mulheres, tendo-as como objeto de prazer e também de horror, como a evitação do contato com o sangue menstrual. Na *Lewi-Strauss* (1957) retrata a vida de tribos selvagens brasileiras, em que a poligamia era vista como uma espécie de compensação às pesadas obrigações dos chefes das tribos. Na tribo Nhambiquara, havia um primeiro casamento monogâmico em que a esposa se tratava de cumprir com as obrigações da casa e dos filhos, enquanto que posteriormente esposas mais jovens, escolhidas por sua beleza tratavam de acompanhar o chefe em suas expedições a fim de lhes fornecer ajuda física e moral.

Freud e Breuer (1895) investigam a histeria, patologia enigmática que afetava principalmente mulheres, o seu corpo, penetrando a sua subjetividade e limitando sua autonomia. A gênese da histeria foi compreendida pelos modelos sociais tão rigorosos da época, que condenavam as mulheres a viver para o lar e a família e eram notados nos sintomas das histéricas atendidas por Freud (DOMINGUES, 2009).

Tentando romper com a ideia de superior e inferior da diferença sexual, Freud em suas cartas a Fliess (1933/2019) supõe homens e mulheres como parte de uma lógica bissexual, em que todos possuem características masculinas e femininas, e no desenvolvimento com o contato cultural, uma se desenvolve mais em relação a outra (KEHL, 2019). Assim, a psicanálise se torna um importante corrente teórica a compreender a adoecimento, juntamente com as questões envolvendo a feminilidade. Em *Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (Freud, 1905), ao descrever o Complexo de Édipo propõe que a diferença sexual percebida entre os meninos e as meninas na infância, marcam a constituição psíquica e organização da sexualidade e sua relação com castração. Vinte anos depois sustenta esse pensamento, “ todos os indivíduos, graças à disposição bissexual e à herança genética cruzada, reúnem em si caracteres masculinos e femininos, de modo que a masculinidade e a feminilidade puras permanecem construções teóricas de conteúdo incerto”.

Outras perspectivas começam a surgir sobre a feminilidade como em Beauvoir (2009) uma autora existencialista e feminista, que define a feminilidade consiste em um percurso, um caminho de construção elaborado pelo processo de civilização, " Ninguém nasce mulher: torna-se mulher" p. 307. Traços da passividade que caracteriza a mulher "feminina", são um conjunto de atributos dados pela sociedade e seus educadores, não se tratando de um dado biológico. Para a mulher, há um conflito relacionado ao vivenciar sua emancipação, é ensinada a agradar, fazer-se objeto, renunciando sua autonomia.

Há também no feminino a noção do pejorativo, denegrindo o objeto que se identifica com o feminino, ou até mesmo objetivando sua destruição. A ideia de objeto pode ser entendida em vários sentidos, “para designar as modalidades fantasísticas da relação do sujeito com o mundo externo, tal como se apresenta nas escolhas de objeto que esse sujeito efetua” (Roudinesco & Plon 1998, p. 552). No Dicionário de Psicanálise de Laplanche & Pontalis (1991) é exposto a noção de objeto sob três aspectos principais: relacionado a pulsão, que irá em busca de satisfação, se tratando de uma pessoa, objeto parcial, real ou fantasístico. Relacionado ao amor ou ódio, da relação da pessoa total, o ego objetivando totalidade. E por último o objeto como sendo, no seu sentido tradicional filosófico, relacionada com o sujeito percebente e cognoscente. Na investigação proposta pela pesquisa investigaremos a noção de objeto visto com relação a pulsão e suas formas de satisfação.

Freud (1915) relacionou a pulsão a um impulso interno, sendo um estímulo do interior do organismo, que exerce força constante, não passível de fuga, sendo caracterizada como a ponte que liga o corpo ao psiquismo. O autor conceitua quatro termos como definição; o primeiro relacionado à Pressão, que pode ser entendido como a própria pulsão, é a força que exige a satisfação. Entendida como o segundo termo, ou seja, a Meta, sempre em busca de satisfação, pressionando para conseguir do terceiro elemento, o Objeto, que nem sempre será um objeto do mundo real. E por último a Fonte, o organismo, aonde nasce as pulsões. Em relação ao objeto, o autor expõe que no início da vida a pulsão e o objeto são próximos, no entanto ao longo da vida há uma capacidade de deslocamento de objeto. E um dos destinos dessa pulsão, que nem sempre pode ser satisfeita, buscará vicissitudes em busca de sua meta e uma das formas será sua transformação ao contrário, em que o autor traz questões como o sadismo e o masoquismo e o voyeurismo. Na questão do sadismo o outro é o objeto agredido, no entanto essa pulsão pode não cumprir com sua meta de satisfação, e sofrerá distorções, em que o sadismo se transforma em masoquismo, ou seja, transformará o sujeito em objeto agredido.

Se faz necessário a compreensão da violência no campo das relações. Definida como:

O uso intencional da força ou poder em uma forma de ameaça ou efetivamente, contra si mesmo, outra pessoa ou grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem grandes probabilidades de ocasionar lesão, morte, dano psíquico, alterações do desenvolvimento ou privações (OMS, 2002, p. 5).

De acordo Butler (2021), a não violência pode ser descrita como um ato de resistência, tornando-se algo que beira ao obrigatório no momento em que a violência é praticada criminosamente, como justificativa e óbvia. Podendo-se compreender a não violência, como algo desenvolvido que não apenas impedirá o ato ou processo violento, mas que deve ser tornar um exercício constante, e às vezes agressivo. A não violência é apresentada pela autora, não apenas como ausência da violência, mas como um engajamento constante, ou mesmo um redirecionamento da agressão, afim de assegurar os ideais de igualdade e liberdade.

Ao investigarmos a predominância da violência contra o feminino, na posição de objeto frente o relacionar-se com o outro, vimos que dados de pesquisas revelam que 1 em cada 3 mulheres sofrem violência no mundo. Os dados, mostram que cerca de 736 milhões de mulheres sofrem violência sexual ou física por parte do seu parceiro ou violência sexual por um não parceiro. A violência se inicia cedo, sendo que uma em cada quatro jovens de 15 a 24 anos, que já estiveram em um relacionamento já sofreram violência por volta dos vinte e poucos anos (OPAS/OMS, 2021). Segundo Engel (2013), o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), destacam que em 1995 as pesquisas revelavam que a discriminação e violência contra as mulheres era uma realidade de muitas mulheres ao redor do mundo, afetando em todas as fases da vida. As violências detectadas contra as mulheres variavam em seus diversos contextos destacando a discriminação e violências físicas, psicológicas, econômicas e sexuais e o tráfico sexual de meninas e mulheres eram denúncias como uma das maiores formas de violação dos direitos e da dignidade da mulher.

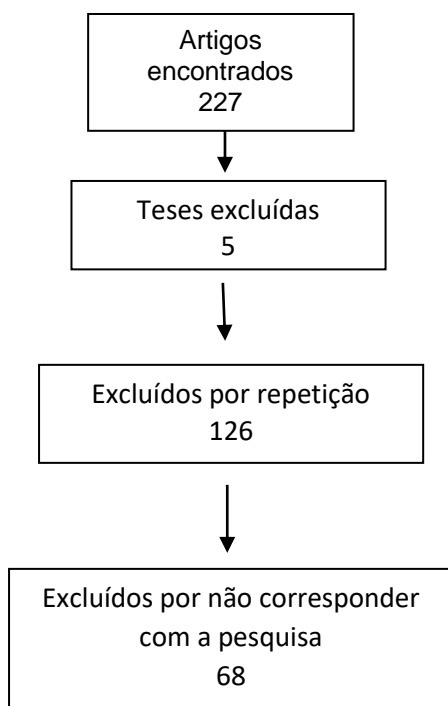
Segundo boletim nº 002/2021 da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2021), mostra que no primeiro semestre, foram 89 mortes de pessoas trans no Brasil, sendo 80 homicídios e 9 suicídios. Os registros mostram ainda que houveram 33 tentativas de assassinato e 27 violações dos direitos humanos. No ano de 2020, a ANTRA registrou um número recorde de assassinatos de mulheres trans e travestis, sendo um total de 175 mortes no país. Uma pesquisa realizada entre 2003 e 2006 entre participantes das paradas de orgulho LGBT, referentes a discriminação e a violência, revelou que 57% dos participantes declararam ter sofrido pelo ao menos uma forma de discriminação apresentada na pesquisa. Nas situações, homens homossexuais apresentavam percentagens relativamente mais altas do que homens bissexuais, atrás somente das mulheres trans (CARRARA e SAGGESE, 2011).

A partir de pressupostos psicanalíticos, buscaremos oferecer um questionamento introdutório a compreensão da estruturação da feminilidade a partir de uma revisão integrativa sobre a temática, com enfoque no aspecto de destituição do feminino, a fim de ampliar a investigação a partir da pergunta norteadora: Existe relação entre feminilidade e a objetificação?

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O presente artigo, apresenta uma análise através da psicanálise, de pesquisa bibliográfica integrativa, nas bases de dados; *Scientific Electronic Library Online*, Biblioteca Virtual em Saúde e Literatura Latino-Americana e do caribe em Ciências da Saúde, buscando uma análise qualitativa a partir da pergunta norteadora: Existe relação entre feminilidade e a objetificação da mulher? Após a elaboração da pergunta norteadora, foi realizado as buscas na literatura e coleta dos dados e a análise dos estudos encontrados. Os critérios de inclusão estabelecidos para a seleção dos artigos consideraram o período de 2016 a 2020, e que se relacionassem com o tema investigado, baseando-se na feminilidade e objetificação. Utilizaram-se os termos e suas combinações nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola: psicanálise e feminilidade. Utilizando-se critérios de exclusão voltados para trabalhos não classificados como artigos, e que não contribuíssem com as palavras-chave. A partir daí, foi realizado leitura dos resumos para seleção e análise dos trabalhos selecionados e seus principais resultados.

Figura 1. Fluxograma das etapas de seleção dos artigos, próprio autor.





Excluídos por não contemplarem
feminilidade no contexto proposto 16

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontradas 227 publicações, com o intuito de selecionar apenas artigos científicos 5 publicações foram excluídas por serem identificadas como teses e 126 artigos foram excluídos por repetição, enquanto que dos 96 artigos restantes 68 foram excluídos pois não correspondiam com a pergunta norteadora. Sendo assim dos 28 artigos restantes, 16 foram excluídos na análise por não contemplarem a feminilidade em contextos relacionados a destituição do feminino, apresentando temáticas como contexto histórico, maternidade, puberdade entre outros. Restando 12 artigos que foram utilizados na discussão.

Figura 2. Tabela de títulos selecionados na pesquisa, próprio autor.

Artigo	Autor	Ano	Periódicos
Ideais culturais e o tornar-se mulher: a cultura na constituição da feminilidade	Vieira, M., M., C., D.; Moreira, A., C., G	2020	Revista Trivium
Transfobia E Abjeção: diálogos possíveis entre a psicanálise e a teoria queer	Ribeiro. A., K., O.; Silveira, L., C.	2020	Revista Agora
Sexualidade, gênero e identidade: questões para a psicanálise	Martins, L., P., L.	2019	Revista Latinoamericana de psicopatologia Fundamental
O feminino, o analista e o teórico infantil	Scarfone, D.	2019	Revista Brasileira de Psicanálise
O significante fálico: a máscara de uma ausência	Silva, A., L; Landi, E., C.	2019	Revista aSEPHallus
A beleza que vela o feminino	Cardoso, M., C., B.	2017	Revista aSEPHallus
Mulheres e espelho: a devastação e o irrepresentável no corpo feminino	Souza, D., E; Kosovski, G., F.	2018	Revista Fractal
Do vazio mental ao vazio corporal: um olhar psicanalítico sobre as comunidades pró-anorexia	Fava, M., V; Peres, R., S	2011	Revista Paidéia
Anorexia mental e feminilidade	Pencak, S.; Bastos A.	2009	Revista Ágora
A violência psicológica			

na mulher sob a luz da psicanálise: um estudo de caso	Ferreira, E., S.; Danziato, L., J., B.	2019	Caderno Psicanalítico
A disjunção mãe/mulher a partir de uma prática de conversação	Marcos, C., M.; Mendonça, R., L.	2020	Revista Ágora
Feminilidade, entre psicanálise e cultura: esboços de um conceito.	Arán, M.	2000	Revista Saúde coletiva

Dentre as pesquisas que evidenciassem a relação entre a feminilidade e a objetificação da mulher verificou-se processos que fazem alusão ao que pode ser chamado de negação do feminino enquanto representação subjetiva da posição de um sujeito e sua ligação primordial com a mulher devido ao fato de ser a representação relacionada de acordo com a sua constituição biológica. Vieira e Moreira (2020) discorrem do que foi a importância dos ideais culturais na constituição da feminilidade e um padrão de normalidade criados para as mulheres, e do surgimento das neuroses como a histeria, diante da relação pulsão sexual e moral sexual cultural no século XIX. Ainda, de um ideal de feminilidade criado a partir da anatomia sexual do corpo feminino, em justificativa de que haveria uma essência passiva e de submissão em relação aos homens. A psicanálise possibilitou o nascimento de um novo olhar pautado na constituição da masculinidade e da feminilidade, no tornar-se mulher, negando a existência de uma natureza feminina. De forma que é no complexo de Édipo que o sujeito se identifica com ideias dos gêneros. A partir dessa travessia se compõe a subjetividade de cada sujeito, que é independente de padrões próprios ao gênero. E ainda considera os processos identificatórios, a bissexualidade psíquica e o percurso pulsional de cada sujeito.

A identificação com o gênero independente da anatomia sexual do corpo, possibilita variações nas formas da expressão da sexualidade, culminando em formas de violência como repúdio as expressões sexuais desses indivíduos que se colocam sobre a subjetivação feminina. Em sua pesquisa, Ribeiro e Silveira (2020) ao investigar a transfobia e o indivíduo trans que se posicionam do lado do gozo feminino e a sua desconstrução imaginária da lógica fálica, vistos como uma ameaça, já que seriam a não garantia do traço biológico como sustentação da posição masculina, trazendo a possibilidade de questionar a masculinidade, que poderia ser vista como insuportável. Expõe que esses indivíduos que se colocam sob o lado do gozo feminino, ao recair sobre essa função serão não-todo, estando submetidos a castração. Apesar de a posição não toda se relacionar com a posição feminina de gozo, isso não significa uma ligação com o atributo biológico, vagina ou o clitóris para suprir essa função, não impedindo que indivíduos anatomicamente masculinos se coloquem nessa posição. As descobertas freudianas sobre a diferença sexual, destacaram o horror a castração, o horror ao feminino no inconsciente considerando a mulher um ser inferior, mutilado e repulsivo. Podendo questionar o horror a castração relacionado a segregação de todo aquele que encarna o feminino.

Entretanto ao abordar as problemáticas da sexualidade e gênero e seu desenvolvimento ao longo da história, Martins (2019) expõe que a perspectiva psicanalítica de castração está sob todo modelo de desejo, de forma a perceber que não seriam só as mulheres submetidas a castração, mas também os homens, de modo que toda forma de sexuação estariam submetidas a angústia de castração. O que sugere a possibilidade de se repensar a objetificação do feminino, visto como o único submetido à castração. E que a experiência psicanalítica se define como um espaço de produção da diferença na constituição dos sujeitos.

Ao expor questões relacionadas a armadilhas ideológicas, e suas possibilidades de violência ao inferiorizar a feminilidade em uma relação com a passividade, Scarfone (2019) se refere as teorias infantis da

clínica psicanalítica, e adverte que as referências sexuais binárias não devem ser vistas como representações de gênero ideológicas e congeladas. E destacou o pensamento freudiano ao alertar contra o gesto de igualar a feminilidade com passividade propondo o termo "meta passiva". A autora discorre que o pensamento dual é persistente no nosso pensamento, e que a clínica psicanalítica, mostra os traumas, frustrações e constrangimento na família, trabalho e relacionamentos que apontam a posição de inferioridade vividas por mulheres que buscam por igualdade e dignidade.

Na referente pesquisa os autores buscam compreender a devastação feminina a partir da psicanálise e da literatura, para a compreensão da ideia de imagem corporal e sua afirmação deste pelas mulheres. Segundo, Souza e Kosovski (2018) o corpo feminino, em sua estrutura vacila ao atingir uma totalidade, por não ter uma identificação satisfatoriamente completa, logo partirá em uma busca por um modelo identificatório, que pode ser um abismo sem sentido.

De acordo com Silva e Landi (2019) a realidade se constrói a partir da relação do sujeito com o Outro, derivando-se o desejo, esse cujo "significante" (Lacan, 1958) é o falo. Entretanto a relação do feminino com o falo, é considerada complexa pois a significação dada a castração é de uma permanente ausência do falo, fazendo com que esse sujeito busque artifícios para se representar de forma fálica, ocultar sua condição de privação. A relação da posição feminina com o falo é mais complexa que a masculina, a significação dada à castração é de uma permanente ausência do falo, o sujeito feminino tem que se valer de artimanhas para representar-se de forma fálica para responder sua condição de privação, e ao desejo do outro. O significante fálico funciona, como uma máscara que recobre a ausência do falo imaginário para uma mulher, de forma a não descortinar a castração, que está sempre lá, marcando a presença da ausência.

Nas buscas por um representante simbólico que recubra as questões femininas, questões de objetificação do corpo pela própria mulher podem ser abordadas, nas buscas por padrões de beleza, as mulheres em busca de métodos estéticos, e a busca de melhorar aquilo que falta e que excede na feminilidade é vivido simbolicamente nos procedimentos estéticos que sempre acrescentam ou retiram algo do corpo. Cardoso (2017) refere-se ao atributo da beleza como aquilo que recobre o feminino. Um recurso do complexo de castração, que representa a condição do sujeito castrado, fonte do nosso mal-estar, para recobrir o enigma feminino, tomar-se o lugar do falo. E como dito pelos ensinamentos da psicanálise "somos todos castrados", essa representação simbólica terá seu significado em cada época, podendo ser singular em cada sujeito.

Pode-se identificar formas de destruição do objeto na própria relação da mulher com o seu corpo em que Fava e Peres (2011) expõem uma pesquisa sobre ambientes virtuais pró-anorexia, voltados a promover o transtorno em questão. A anorexia nervosa é um transtorno alimentar que ocorre com frequência entre mulheres, em que há um controle obsessivo pelo peso corporal. De acordo com os autores as comunidades virtuais, em sua maioria frequentadas por jovens do sexo feminino, eram voltadas a divulgar receitas restritivas, métodos purgativos, que quando empregados ofereciam risco à vida.

Pencak e Bastos (2009) investigaram, a compreensão da frequente incidência da anorexia em jovens mulheres. E encontraram em um caso clínico de uma jovem debilitada em decorrência do transtorno. Na escuta clínica a paciente relatou ter ouvido em um programa de televisão, uma mulher que não se alimentava a anos, só bebia água e se alimentava de luz. Com o desfecho da análise foi possível perceber pelas autoras que, a partir da anorexia havia uma tentativa de estabelecer um universal das mulheres, alguém que contradiga essa posição. Levantando a paciente, a hipótese de haver a possibilidade de uma mulher que se alimentasse de luz, uma exceção ao conjunto das mulheres castradas.

Na investigação de Wanderley, Miranda e Protti (2019), são retratados os casos clínicos de jovens mulheres que se utilizavam da escarificação, ou seja, cortes sobre a pele com a intenção de deixar cicatrizes. A investigação identificou nas práticas à intenção de aliviar em sua maioria das vezes conflitos familiares, principalmente referentes ao relacionamento com a mãe. Foram identificados nos relatos das adolescentes, que as mesmas se encontravam na posição de objeto para suas mães, as aproximando de um gozo letal projetado na forma de escarificações. Foram identificados pelos autores uma tendência a aliviar suas dores nas práticas de escarificações. Desse modo buscaram-se no conceito de pulsão de morte da obra Freudiana para a compreensão do caso. No sentido de que a satisfação encontrada no ato sintomático se relacionaria com a pulsão de morte que retorna para o eu. Sobre os caminhos da sexualidade humana, Freud (1905) apontou que o masoquismo esteve relacionado a atitude passiva frente a vida sexual e ao objeto sexual, sendo a satisfação ligada ao padecimento de dor física ou psíquica sob o objeto sexual. Em 1920, Freud referiu-se a pulsão de morte como a pulsão que se direciona a autodestruição, uma oposição entre os instintos de vida e morte.

Dentre relações de violência contra a posição feminina, pode-se observar casos de violências advindas do outro nas relações, sustentadas pelo próprio sujeito, revelando a aceitação da violência contra si. Ferreira e Danziato (2019) expõem a investigação de um estudo de caso de violência doméstica em que fundamentadas na psicanálise sua investigação é sustentada por articulações entre feminilidade sob as relações pré-edípicas e o Édipo. Seu intuito foi investigar como se daria a escolha do objeto amoroso para a mulher em uma relação com contexto de violência psicológica. De acordo com Freud (1914) as pulsões e os caminhos da libido na escolha do objeto amoroso, as investigações apontam para traços masoquistas como posição da paciente, frente a violência do parceiro, percebendo níveis de satisfação na fala da paciente frente a violência do parceiro e repetição da dor.

Na relação do homem frente a feminilidade, Freud (1910) retrata as escolhas feitas pelo homem na relação com a mulher, apresentando dentre elas a escolha amorosa em que as mulheres na condição de castas, virgens, puras não poderiam ser colocadas na posição de objeto amoroso, mas mulheres de certa maneira de má reputação, e confiabilidade duvidosas. Os tipos de escolha, é explicada pelo autor como de origem psíquica relacionadas a fixação infantil do carinho pela mãe, seu primeiro objeto amoroso que influenciará os relacionamentos posteriores.

Na investigação a maternidade foi encontrada como uma rota de fuga aos enigmas relacionado ao feminino negado, almejado como forma de encerrar questões enigmáticas. Marcos e Mendonça (2020) aponta que para a mulher, frequentemente a maternidade é a via em direção a feminilidade, procurando encontrar no filho a consistência que falta enquanto mulher. Em um estudo realizado com adolescentes gestantes em uma Organização não governamental, que muitas vezes inseridas em ambientes que sofrem violência e condições de vida precárias, as mesmas buscam sua inscrição no campo do Outro simbólico através da maternidade. Reconhecidas nesse ambiente como mães tem acesso ao cuidado e um lugar no mundo. No entanto, concluem que a maternidade fracassa ao tentar encerrar as questões do feminino, é somente um véu que recai sobre o feminino.

Arán (2000), propõe que não se pense os enigmas femininos, mas sim a diferença dos sexos, diante das novas formas de subjetivação na contemporaneidade. Já que pode-se observar na clínica psicanalítica, nas relações amorosas, novas formas do exercício das diferenças. A autora associa a ideia de castração na obra freudiana e a releitura lacaniana do falo, que são fundamentadas nas principais ideias da diferença sexual dos séculos XVIII e XIX, como formas de negação do feminino. A fim de positivar a feminilidade na psicanálise, propõe uma releitura da metapsicologia da pulsão, para que se possa vislumbrar outros destinos para a feminilidade, e seja possível dar lugar ao diferente. Trazendo a hipótese de pensar a subjetivação de cada sujeito, não

necessariamente pautadas em um modelo universal, o que chamaria de feminino-singular. E ao pensar o percurso do desejo feminino como diferente do masculino, dando a mulher um lugar de existência na cultura, um lugar de sujeito. Historicamente o feminino, pode ser considerado o outro negado e recalcado, não apenas pelo que foi chamado de dominação masculina, mas também de uma forma social de dominação da natureza, seja dela real ou da natureza dentro de si.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender a mulher e o homem a partir da feminilidade e da masculinidade pautadas em uma natureza pronta, findada e baseada na anatomia do corpo, contribuiu para que se pensasse a feminilidade como um destino já traçado para aquele indivíduo constituído de tal. Até o momento em que a somatização dos eventos externos, imposições sociais propostas às mulheres acarretou em doenças psicossomáticas que denunciava os acontecimentos que passaram a ser investigados pela psicanálise na época.

A psicanálise funda contribuições a propor que o período edipiano e uma disposição bissexual em todos os indivíduos, como base da escolha objetal, de como e para onde será direcionada a libido desse indivíduo, de modo a pensar que não há uma natureza já pronta e definida sobre o que é masculinidade e feminilidade, já que são caminhos a serem percorridos, elaborações acarretadas do processo histórico e de civilização de cada um. O processo histórico, a contribuição do pensar a feminilidade traz consigo traços de passividade que compõem o que é ser uma mulher feminina, dando a ela esse destino de renúncia da própria autonomia em troca dessa natureza já pronta.

Uma pulsão sem representação, não regulada pelo campo fálico, caracterizada pela ausência, pela falta, enigmático, em que estudos psicanalíticos propõem que a mulher não está toda sob a ordem fálica, há um gozo suplementar, ilimitado, intrínseco à morte. Tais formas de pensar o feminino, causam em homens e mulheres repúdio, negação, horror ao que é inerente ao feminino. A feminilidade vista de uma ordem não sustentada pela posição fálica, coloca a mulher e todo indivíduo que sustente essa posição em um lugar abrangente, ilimitada quando se trata do significante que a represente.

A ausência de um significante diferenciado do homem, que sustente a posição feminina, estigmatiza a mulher enquanto posição de objeto de desejo, já que a busca por uma posição clara, conceituada sobre a mesma se faz vaga durante todo o percurso histórico de busca de identificação do que é ser mulher.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARÁN, M. **Feminilidade entre psicanálise e cultura**: esboços de um conceito. *Physis. Rev. Saúde coletiva*, Rio de Janeiro, vol. 10, nº 1, 2000.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Boletim nº 002/2021**, Rio de Janeiro, ANTRA, 2021.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. ed. 2, Rio de Janeiro, Nova fronteira, 2009.

BUTLER, J. **A força da não violência**: um vínculo ético-político. São Paulo, Boitempo, 2021. (Texto originalmente de 1956).

CARDOSO, M., C., B. **A beleza que vela o feminino**. Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana. Rio de Janeiro, vol. 12, nº 23, 2017.

CARRARA, S.; SAGGESE, G. **Masculinidade, violência e homofobia**. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2011.

DOMINGUES, M., R., C. **A feminilidade e a mulher na obra de Sigmund Freud**. Uni. Fed. São Carlos, 2009.

FAVA, M., V.; PERES, R., S. **Do vazio mental ao Vazio Corporal: um olhar psicanalítico sobre as comunidades pró-anorexia**. Artigos Paidéia, Ribeirão Preto vol.21, nº 50, 2011.

FERREIRA, E., S.; DANZIATO, L., J., B. **A violência psicológica na mulher sob a luz da psicanálise: um estudo de caso**. Cad. Psicanál., Rio de Janeiro, v. 41, nº 40, 2019.

FREUD, S. **Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos**. In Obras completas, São Paulo, Cia das letras, 2016. (Texto originalmente de 1893).

FREUD, S. **Além do princípio do prazer**. In Obras completas, São Paulo, Cia das Letras, 2016. (Texto originalmente de 1920).

FREUD, Sigmund. **Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In Obras completas, São Paulo, Cia das Letras, 2016. (Texto originalmente de 1905).

FREUD, S. **Totem e Tabu**. In Obras completas, Totem e tabu e outros textos, ed. Imago, Rio de Janeiro, 1990. Texto originalmente publicado em 1913.

FREUD, Sigmund. **Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In Obras completas, São Paulo, Cia das Letras, 2016. (Texto originalmente publicado em 1905).

FREUD, S. **Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos**. In Obras completas, vol. 16, São Paulo, Companhia das letras, 2011. (Texto originalmente de 1925).

FREUD, S. **A feminilidade**. In Amor, sexualidade, feminilidade, organizado por Maria Rita Kehl, Belo Horizonte, Autentica, 2019. (Texto originalmente de 1933).

FREUD, S. **As pulsões e seus destinos**. In obras completas. 1 ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2014. (Texto originalmente de 1914)

KEHL, M., R. **Deslocamentos do feminino**. ed. 2, Rio de Janeiro, Imago, 2008.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J., B. **Dicionário de psicanálise**. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1991.

LACAN, J. **A significação do falo**. In escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998. (Texto original de 1958).

MARCOS, C., M.; MENDONÇA, R., L. **A disjunção mãe/mulher a partir de uma prática de conversação**. Ágora, Rio de Janeiro, v.23, nº1, 2020.

MARTINS, L., P., L. **Sexualidade, gênero e identidade**: questões para a psicanálise. Rev. latinoam. psicopatol. fundam., São Paulo, vol. 22, nº 2, 2019.

NOVELINO, A. **Feminilidade: um perfil cultural**. Tóp. Educ, Recife, v. 16, nº 1, p. 19-31, 1998.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório mundial sobre a violência e a saúde**. OMS, GENEBRA, 2002.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Devastadoramente generalizada**: 1 em cada 3 mulheres em todo mundo sofre violência. Distrito federal, OPAS/OMS, 2021.

PENCAK, S.; BASTOS, A. **Anorexia mental e feminilidade**. Artigos Ágora, Rio de Janeiro v. 12, nº 2, 2009.

RIBEIRO. A., K., O.; SILVEIRA, L., C. **Transfobia e abjeção**: diálogos possíveis entre a psicanálise e a teoria queer. Rev. Ágora, Rio de janeiro, vol. 23, nº 1, 2020.

ROHDEN, F. **A construção da diferença sexual na medicina**. Cad. Saúde Publ., Rio de Janeiro, vol. 19, nº 2, p. 201-212, 2003.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

SOUZA, D., E; KOSOVSKI, G., F. **Mulheres e espelho**: a devastação e o irrepresentável no corpo feminino. Artigos Fractal, Rio de janeiro, vol. 30, nº 2, 2018.

SCARFONE, D. **O feminino, o analista e o teórico infantil**. Rev. Bras. Psic., São Paulo, vol. 53, nº 2, , 2019.

SILVA, A., L., P.; LANDI, E., C. **O significativo fálico**: a máscara de uma ausência. Revista aSEPHallus de orientação lacaniana, Rio de Janeiro, v. 14, nº 27, 2019.

STRAUSS, C., L. **Tristes Trópicos**. Anhembi, São Paulo, 1957.

VIEIRA, M., M., C., D.; MOREIRA, A., C., G. Ideias culturais e o tornar-se mulher: a cultura na constituição da feminilidade. Trivium, Rio de janeiro, vol.12, nº1, 2020.

WANDERLEY, A., A.; MIRANDA, R.; PROTTI, L., C. **As práticas das escarificações em moças**: uma abordagem psicanalítica das questões com a feminilidade. Rev. Ágora. Rio de Janeiro, v. 22, nº 1, 2019.